

O futuro é agora

Divulgação

Esquecer o futuro, para que haja futuro. Esta é a síntese do pensamento do professor Antônio Nóvoa, da Universidade de Lisboa, sobre a questão da Educação no final deste século. Para ele, temos que refletir imediatamente sobre o que é importante ensinar e com que objetivo se ensina. Em rápida visita ao Brasil, Nóvoa – que hoje é leitura obrigatória dos cursos de Pedagogia – encerrou com chave de ouro a Educar99, lotando o auditório Elis Regina, no Anhembi. Especialista em estudos sobre o currículo escolar, Nóvoa sacode com suas pesquisas e afirmações o aparentemente estável edifício das disciplinas escolares e, com ele, o próprio edifício da escola e das instituições que seguem seu modelo. Pesquisando vida de professores, mesclando suas histórias pessoais e profissionais, ele pretende construir um pensamento pedagógico sobre a profissão docente e levar à reflexão do que seja ensinar. Antes de embarcar para Portugal e depois por e-mail, o professor Nóvoa deu entrevista ao JORNAL DO BRASIL explicando os paradoxos do seu pensamento, criticando a sociedade educativa, o modelo de escola que temos e até mesmo as modernas idéias de aprender a aprender e de educação continuada. Ele propôs várias rupturas no modelo que adotamos. Mas sobretudo, propôs romper com a idéia de um amanhã para o qual estamos sempre preparando as pessoas. Para Nóvoa, que organizou, entre outros, os livros Profissão professor (Porto) e Formação Contínua de Professores (Universidade de Aveiro), o discurso do futuro tem a única vantagem de livrar a sociedade das responsabilidades sobre o presente.



ANA LAGÔA (*)

– O senhor concorda em definir a Educação como aprendizado permanente e não mais como o período em que se frequenta a escola?

– Na Europa também falamos de educação e formação ao longo da vida. Esta é uma realidade extremamente importante nas sociedades atuais e creio que essa realidade irá se impor nos próximos anos, nas próximas décadas, em todas as nossas sociedades. É positivo que haja práticas de formação, práticas de educação, práticas culturais ao longo da vida e que possa haver uma maior fruição cultural e educativa desde o nascimento até a morte. O grande problema é que, por vezes, essa pressão para estar sempre aprendendo dá origem a situações em que o mercado acaba por oferecer cursos que, de fato, têm pouco interesse ou atualidade e que vão no sentido oposto à proposta de melhor formação. Por outro lado, me parece estranho que a idéia de uma formação necessária ao longo da vida não tenha exercido até agora nenhuma pressão real sobre a primeira etapa que é a escola. A prova é que a escola não mudou nada em função dessa expectativa mais ampla. E ela deve mudar, precisa mudar.

– Somos prisioneiros de uma situação, mesmo quando a escola parece ser de boa qualidade?

– É uma repetição. Estamos mal formados, temos que estudar por causa disso e continuamos formando mal. Uma repetição de coisas que estão mal, em vez de tentarmos ajustar os nossos objetivos, as nossas necessidades e a missão da escola – dar formação de base que permita às pessoas seguirem adiante. Continuamos a reproduzir a mesma escola e, nos cursos, mais tarde, os mesmos problemas que conservamos nessa escola.

– O balanço possível da Educação, neste século, não parece ser muito positivo para o senhor?

– Olhando para a história recente da humanidade, podemos dizer que viemos de uma sociedade sem escolas para uma sociedade de base escolar. Hoje, o modelo escolar se tornou universal e o ensino estendeu suas regras, seus hábitos e seus costumes a toda a sociedade. Hoje as

crianças vão cada vez mais às escolas e lá ficam por mais tempo. E isso tem origem no processo histórico que transformou radicalmente a nossa sociedade.

– Qual processo?

– A descoberta da plasticidade do ser humano criou as condições para o desenvolvimento de uma intencionalidade educativa, que substitui as formas tradicionais de aprendizagem e de transmissão cultural por modelos cada vez mais escolarizados.

– Não é um paradoxo afirmar que a escola fracassou no seu projeto e ao mesmo tempo dizer que a sociedade vive mergulhada no modelo de ensino. Se esse modelo não cumpriu seu papel, como pode ser hegemônico?

– A sociedade vive, de fato, mergulhada no modelo do ensino e isso nos leva a pensar que é um modelo vencedor. O modelo é dominante no sentido de que se instaurou uma sociedade pedagógica, em que se dedica muito tempo a atividades de educação e informação. Na França, uma pesquisa recente mostrou que as pessoas gastam seu tempo de três formas principais: em primeiro lugar, dormindo; em segundo lugar, se educando de alguma forma e, só em terceiro lugar, providenciando seu sustento. A educação tem hoje uma dimensão formal enorme e, ao mesmo tempo, define a maneira de nos relacionarmos com o mundo. O policial faz pedagogia, os políticos fazem pedagogia, os mais velhos vão para as universidades da terceira idade. Generalizou-se uma concepção pedagógica de mundo. Nas nossas relações diárias tudo está impregnado pelo ato de educar/aprender. Estamos sempre precisando aprender algo ou ensinar algo. Ter uma atitude educativa faz parte do nosso dia-a-dia. Basta ver os rótulos dos produtos, por exemplo. Tudo informa e educa. Tudo tem uma intenção educativa. E como está em todo canto, não está em nenhum. Difunde-se de tal forma, que acaba por não cumprir nem o mínimo de promessas que a escola deveria ter cumprido há muito tempo. É de fato um paradoxo. Um sucesso como modelo e um fracasso relativo.

– O senhor pode explicar melhor como funciona esse modelo?

– Esse modelo poder ser definido em termos de tempo, espaço e ação. A escola antigamente se dirigia a um tempo da nossa vida: a infância. E preparava a pessoa para a inserção no mundo dos adultos e do trabalho. Havia pedagogos que até reclamavam pelo controle completo da formação do indivíduo. Quando esse ser estivesse formado, seria devolvido ao convívio social. O tempo de escola se expandiu, mas a concepção inicial do que é educar manteve-se, no essencial, inalterada. Todas as práticas de ensino continuam a fazer de conta que a missão principal da escola é preparar para uma vida que virá.

– E o senhor acha que isso precisa mudar...

– Sim. Há duas rupturas a fazer na questão tempo. A primeira diz respeito à duração do tempo na escola. Hoje em dia as crianças vão à escola aos três anos e saem, em geral, depois dos 20. Um período tão longo não pode ter como referência única o futuro. Muitos dos problemas que acontecem na escola, inclusive o da violência, têm suas raízes nesta concepção errônea do que é a vida escolar, nesta incapacidade de dar um sentido presente ao trabalho dos alunos.

– E a segunda ruptura?

– A segunda é ainda mais importante. E se refere justamente a essa idéia de educação por toda a vida. Com as mudanças entre o tempo de trabalho e o tempo livre, o aumento da esperança de vida e, ainda, o fato dos conhecimentos se desatualizarem no espaço de uma mesma geração, a formação passa a ser uma demanda da vida toda. A educação escolar, portanto, deve ser encarada apenas como o primeiro passo de um processo que se prolonga por toda a vida.

– O espaço é outro ponto importante do modelo...

– É o segundo ponto. Fechar crianças dentro de uma casa para serem ensinadas é uma idéia relativamente recente na história da humanidade. E tende a desaparecer. Os primeiros edifícios escolares foram construídos no final do século 19, em sintonia com as campanhas de higienização pública e as descobertas positivistas. Esse universo formado de salas fechadas afastou as crianças das realida-

des sociais e do mundo do trabalho, valorizando apenas os saberes que aconteciam na sala fechada.

– A crítica ao universo fechado da escola não é uma novidade...

– Ela já foi feita, de fato, nos anos 20, pelos pedagogos da Escola Nova, que tiveram a clara intuição de que as escolas, tal qual eram e ainda o são, se transformariam em lugares de violência, não apenas aquela violência simbólica de que falam os sociólogos, mas a violência mais primária que tem invadido as escolas e face à qual nos sentimos tão perdidos, frágeis e desorientados. O problema da violência não é das crianças, mas das escolas. Nós, infelizmente, temos muita facilidade para identificar e rotular as crianças e nenhuma para reconhecer nossas incapacidades e definir estratégias de mudança das escolas.

– Que tipo de mudanças são necessárias no que se refere ao espaço escolar?

– A primeira mudança seria na concepção interna desse espaço. No início as escolas abrigavam atividades variadas, entre elas as aulas. Com o positivismo e a expansão das disciplinas esse espaço se reduziu ao espaço das aulas. O que precisamos agora é resgatar a escola como lugar de estudo e capaz de dar respostas diferentes a alunos que são cada vez mais diversificados culturalmente. Não há mais espaço para a homogeneidade, a uniformidade.

– Isso leva à mudança física da escola...

– Exatamente. Com as novas tecnologias da informação e da comunicação as possibilidades se abrem. Em alguns países já se faz o ensino a domicílio, com o qual não concordo. Mas a utilização inteligente destas tecnologias, sobretudo na sua dimensão interativa, reorganiza o espaço escolar. Ele perde a base territorial forte e se abre para a rede cruzada de espaços e lugares diversos. As escolas imaginaram-se como continentes, mas encaminham-se neste final de século como arquipélagos, como pequenas ilhas ligadas entre si.

(*) E-mail: lagoa@jb.com.br

Continua na página 2